

## RESUMO

Este artigo propõe-se a apresentar algumas contribuições da teoria de Gramsci para pensar a educação, principalmente no que tange a possibilidade de que essa seja um caminho real de transformação social. Gramsci foi um autor de imensa importância no cenário mundial, são inúmeras as contribuições que produziu sobre diferentes aspectos da luta de classes. Neste trabalho, destacamos parte de sua análise sobre educação e a importância que identificou nessa, tanto no sentido de domesticação e construção do “consenso” pela classe dominante, quanto de possibilidade de rompimento/superação da opressão e de constituir-se como pilar do movimento de emancipação da classe dominada. No texto são ressaltados os seguintes conceitos: filosofia da práxis, escola unitária, autonomia e intelectual orgânico; tais categorias são discutidas dentro das limitações de espaço-tempo aqui pertinentes, mas de forma a estabelecer útil e produtora articulação com o trabalho docente. O artigo concentra-se na reflexão sobre as implicações para o contexto atual da percepção e ação do professor e do aluno como filósofos, bem como, na necessidade de uma escola unitária e de formação de intelectuais orgânicos, fazendo isso, por meio da problematização da prática docente na sociedade capitalista marcada pela precarização, desvalorização e falta de autonomia das classes que vivem do trabalho.

**Palavras-chaves:** filosofia da práxis, intelectual orgânico e trabalho docente.

## UM MOMENTO COM GRAMSCI NA ANÁLISE DO TRABALHO DOCENTE

*Carla Imenes (UEPG); Ellen Moura (UFF)*

Antonio Gramsci certamente é um dos autores mais polêmicos da humanidade. As divergências e as contestações que sua obra provoca vêm desde a simples organização histórica de seus escritos até a dificuldade de compreender suas categorias de análise, como por exemplo, o que é ideologia. Os motivos para tais dificuldades são muitos e uma breve olhada na história de vida de Gramsci já nos indicará alguns dos desafios que enfrentaremos para tentar compreender e interagir com suas ideias.

Gramsci nasceu em 22 de janeiro de 1891, aos 4 anos de idade sofreu um pequeno acidente doméstico que lhe gerou uma corcunda (posteriormente, pesquisas científicas passaram a imputar a responsabilidade pela imperfeição física à um tipo de

tuberculose denominada “Doença de Pott” e não a queda sofrida na infância). Por volta dos 7 anos sofre uma imensa decepção com seu pai, que é preso por cometer irregularidades administrativas no cartório em que trabalhava. Problema este que leva Antonio, seus seis irmãos e sua mãe a enfrentarem sérias dificuldades econômicas. Aos 12 anos, assim que conclui o curso primário, passou a trabalhar e por dois anos esteve afastado da escola. Com o apoio da família retorna a escola para concluir o ginásio e tem o primeiro contato com as publicações socialistas, essencialmente, através do *Jornal Avanti!*. Ao terminar o curso colegial passa a frequentar o movimento socialista e a participar ativamente das discussões sobre desigualdade e opressão da classe operária. Em 1911 conclui o segundo grau e consegue uma bolsa de estudos que o levará a Faculdade de Letras (Gramsci, 2006).

Diversos estudiosos mencionam a extrema dificuldade financeira e a exaustão emocional vivida por Gramsci no início de seu período universitário. Embora reconhecidamente estudioso e aplicado, não chega a realizar os exames finais das disciplinas cursadas devido a sua frágil saúde. Sua identificação e participação efetiva no movimento socialista vão se aprofundando ano a ano, tanto que em 1914 passa a integrar os grupos mais radicais de esquerda. Ao longo de sua vida, são frequentes os embates e os escritos afiadamente críticos. Muitas idas e vindas da prisão por defender claramente e impetuosamente seus ideais. Em 1926, embora tendo imunidade parlamentar, é preso por ordem do regime fascista e começa a sua maior labuta pela sobrevivência física, moral e intelectual. Permanece preso até 1933, quando é transferido por graves debilidades de saúde para uma clínica médica. Só readquire a plena liberdade em abril de 1937, neste mesmo mês sofre um derrame cerebral que o leva a óbito no dia 27 de abril.

Obviamente, o micro resumo de vida aqui apresentado não representa uma descrição cronológica exata e completa da vida do autor. Não se relatou a produção escrita, nem se buscou analisar suas posturas políticas, suas principais ideias e motivações. O intuito desta breve observação a história do autor tem o singelo objetivo de perceber que as dificuldades enfrentadas no âmbito de sua vida pessoal, seguramente interferiram em sua compreensão e tradução do mundo. Portanto, na complexidade de sua escrita, de suas interpretações e emoções.

Gramsci foi um autor de imensa importância no cenário mundial, são inúmeras

as contribuições que produziu sobre diferentes aspectos da luta de classes (burguesia x proletariado). Aqui destacaremos parte de sua análise sobre educação e a importância que identificou nesta, tanto no sentido de domesticação e construção do “consenso” pela classe dominante, quanto de possibilidade de rompimento/superação da opressão e pilar do movimento de emancipação da classe dominada.

A primeira leitura de Gramsci pode levar a certa sensação de frustração, tanto pela densidade das ideias ali apresentadas quanto pela dificuldade de entender e de se apropriar de uma escrita não linear e pouco didática. Questionar-se sobre como resgatar a filosofia da práxis, o papel do intelectual, as possibilidades e formas de “elevar e amadurecer” o senso comum, a capacidade filosófica que cada homem possui, a porção de subjetividade envolvida em todos estes processos e conceitos complexos como: ideologia, hegemonia, sindicato e partido, são algumas das propostas de Gramsci. Ademais da complicada e espinhosa análise dos assuntos em si, precisamos considerar que esta produção se deu dentro de um contexto de ascensão e tomada do poder pelo fascismo na Itália e de uma história de vida nada convencional.

Sendo assim, ao apresentar esta pequena narração da origem do autor, pode ser que os entraves iniciais ao estudo dos escritos do mesmo sejam experimentados de outra forma e que seja gerada certa solidariedade, boa vontade, curiosidade e cumplicidade com a agressividade e firmeza das afirmações gramscianas. Não por uma visão misericordiosa, mas pela admiração a um homem que apesar de tantos obstáculos se dedicou a pensar caminhos para construir uma sociedade mais justa e a lutar em prol de objetivos coletivos.

É nesta perspectiva que este artigo tenta exprimir as primeiras interações possíveis entre a leitura crítica dos Cadernos do Cárcere, a pesquisa de doutorado intitulada “O trabalho como experiência conceitual e prática cotidiana do professor universitário” e a experiência profissional vivenciada pelas autoras em diferentes níveis de ensino. A investigação científica aqui mencionada tem como foco o conceito de trabalho do professor universitário e a compreensão das relações que este estabelece entre esse conceito e suas práticas pedagógicas em meio aos atuais sistemas de avaliação impostos pelas políticas públicas.

O recorte inicial é sobre a seguinte explicação de Gramsci sobre filosofia:

É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser uma atividade intelectual própria de uma

determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são “filósofos”, definindo os limites e características desta “filosofia espontânea” (GRAMSCI, 2006, vol I, p.93).

Pensemos sobre esta ideia sob duas perspectivas. A primeira tentando perceber o aluno como um sujeito filósofo, não apenas pelo discurso pedagógico ensaiado, mas pelas implicações concretas que esta concepção provocaria na instituição escolar.

Os alunos filósofos seriam provocados a perceber a diferença entre a aceitação e internalização de uma concepção de mundo criada sem a sua intervenção crítica e determinada pelas regras de uma sociedade capitalista; e a elaboração própria e consciente de uma concepção de mundo situada historicamente, na qual individual e coletivamente se buscasse entender as marcas que esta sociedade deixou na formação de cada um, considerando que embora haja autonomia, esta não é completa e nem isenta do processo histórico. Compreensão esta que provocaria a mudança de atitude frente a estrutura de sociedade e a formulação de propostas para a transformação.

Neste caso, o que os alunos diriam a respeito dos livros didáticos adotados que promovem um discurso moral de meritocracia? Das infinitas tentativas de convencê-los de que o esforço individual determinará sozinho o caminho do sucesso social e econômico? Das diferentes provas classificatórias, homogeneizantes e desligadas de sua realidade que passam desde o Ensino Fundamental ao Superior? Dos currículos que privilegiam conhecimentos fragmentados, obedientes a hierarquia de interesses burgueses? Das metodologias seguidoras de apostilas que programam alunos e professores a docilidade permissiva do conhecimento acrítico e ausente de qualquer movimento de transformação social? Das políticas educacionais do governo federal, estadual e municipal que seguem a cartilha neoliberal? Como efetivariam a cidadania e analisariam as posturas políticas?

Assumir-se como aluno, mas ainda assim capaz de filosofar dentro de determinados limites iniciais, provocaria uma revisão da hierarquia da escola; do *o que, como e por que* se ensina; e, principalmente, despertaria e fortaleceria a prática cidadã em sociedade.

A segunda perspectiva é de resgate da auto-estima do professor como filósofo, não apenas nas folhas em branco que ele vai expondo suas reflexões ou no currículo *lattes*, mas principalmente, em sua prática pedagógica. Os professores hoje conseguem ter tempo de perceber e assumir sua capacidade filosófica em meio a tantos formulários

e relatórios? Enterrados nas tantas avaliações e comprovações inúteis de uma suposta qualidade técnica? Desgastados pelo contínuo processo de degradação das condições de trabalho, de remuneração e da estrutura das instituições? Conseguem reunir e organizar forças para produzir em sala de aula o progresso político e intelectual da consciência da massa para além do senso comum? Estão dispostos, se acham capazes de contribuir para alterar o *status quo*? Percebem-se filósofos?

A princípio pode parecer uma análise pessimista da realidade as perguntas apresentadas acima sobre os limites e características da capacidade filosófica produzida na e pela escola. Como se a jornada a ser percorrida fosse longa e quase impossível, não se trata disso. A educação escolar é um processo que depende fundamentalmente das pessoas envolvidas nela e do reconhecimento da situação vivida. Portanto, antes de formularmos propostas precisamos reconhecer duramente o quadro em que nos encontramos.

A história e a cultura da escola estão impregnadas dos aspectos sociais, políticos e econômicos da sociedade a que pertence. Nas limitações deste artigo, ressalta-se apenas que no caso brasileiro é indispensável identificar que as orientações neoliberais interferiram diretamente nas políticas educacionais, principalmente na década de 90, quando as propostas de ação e as reformas na legislação no campo educacional refletiram claramente a subserviência a concepção de estado mínimo, de descentralização das responsabilidades e compromissos com a sustentabilidade da instituição educacional e com a centralização do poder e do controle didático-pedagógico e avaliativo na esfera governamental. No sentido de exemplificar, podemos apontar: Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais, Plano Nacional de Educação, Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação e diversas avaliações nacionais.

A reestruturação capitalista no sistema de produção mundial que ocorreu nessa década, alterou e marcou fortemente as políticas educacionais aqui no Brasil, assim como, as práticas educativas devido a incorporação da concepção de educação como prestação de serviço, vinculada ao mercado, à competitividade e à produtividade nos moldes empresariais. A educação passou a ser entendida como uma mercadoria e não como um direito social, como possibilidade individual de consumo determinada pelo esforço e competência do consumidor. No que tange a universidade, Mancebo alerta:

A sociedade globalizada permanece como sociedade de classes, sujeita a todas as exclusões carreadas pelo capitalismo e não pode ser tomada como uma realidade naturalizada à qual a universidade deva adaptar-se (...) a atualização e a inserção da universidade na nova realidade implicarão revisões de suas formas de organização, do relacionamento dos seus atores-chave e a adoção de novos parâmetros, mas sem reduzi-la à instituição de ensino ou adaptá-la a um modelo que trate a produção do conhecimento de forma seletiva, somente para aqueles grupos que têm algo imediato a oferecer para o mercado (MANCEBO, 2004, p.13).

Desta forma, reconhecer e pesquisar nossas instituições educacionais, ouvir e compreender as comunidades envolvidas nestes espaços-tempos educativos, perceber as limitações e as potencialidades do grupo são atitudes que não podem pautar-se no diagnóstico simples e superficial da situação atual e menos ainda, como nos alerta Gramsci, no otimismo irresponsável e inoperante. Para o autor *o único entusiasmo justificável é aquele que acompanha a vontade inteligente, a operosidade inteligente, a riqueza inventiva em iniciativas concretas que modificam a realidade existente* (2006, vol I, p.257). O entusiasmo pode mobilizar e impulsionar as pessoas, mas se o projeto de ação não é responsável, ponderado e muito bem estruturado, isto é, se não parte da razão inteligente, as ações se perderão facilmente, o imediatismo conduzirá ao imobilismo e os obstáculos não serão ultrapassados.

Construir e fortalecer a autonomia e a gestão consciente e democrática da escola básica e do ensino superior, produzir crítica e coletivamente saberes nos processos de ensino-aprendizagem destas instituições, desenvolver um poder de síntese entre os saberes científicos e os populares, sustentar uma educação emancipadora e coerente com a lógica de produção do saber em benefício de todos requer mais do que otimismo, exige uma *filosofia da práxis* que “*absorve*” a *concepção subjetiva da realidade (o idealismo) na teoria das superestruturas; absorve-o e o explica historicamente, isto é, “supera-o” e o reduz a um seu “momento”* (GRAMSCI, 2006, vol I, p.315).

A filosofia consciente nos induz a estabelecer uma relação social ativa que busque alterar o ambiente cultural, social, político e econômico. Incentiva a todos, independente de seu grau de conhecimento oficial, a se tornarem sujeitos críticos na sociedade. Por isso, o trabalho de formação acadêmica exige dos professores, dos pais e dos alunos a mediação entre os saberes aprendidos e a prática social. Faz-se necessário que a escola seja para sua comunidade externa e interna *locus da filosofia da práxis*.

Considerando a formação acadêmica como um espaço-tempo de trabalho, destacaremos a ação do corpo docente da instituição de ensino superior e as pressões

sofridas por estas *classes que vivem do trabalho*<sup>1</sup> para estabelecer mais um contato com a leitura de Gramsci. No discurso sobre o “trabalho docente” os professores apresentam um claro compromisso com a ação social, isto é, reconhecem a necessidade de exercer um trabalho que possa transformar o educando, a instituição e a si mesmo. Ainda na complexidade do discurso, estes profissionais demonstram seu desencanto e descrença diante de uma universidade que se assumiu “empresa”; de um sistema de avaliação interno e externo que não contribui para o seu real aprimoramento, mas apenas para análises quantitativas, classificatórias e excludentes; de um Estado capitalista que já sabe de cor que o convencimento é tarefa fundamental e permanente para manter a hegemonia burguesa, sendo extremamente hábil nas artimanhas para submeter o trabalho docente aos moldes desta ideologia.

A prática pedagógica nos acrescenta outros dados. O professor-trabalhador tem sofrido com a desregulamentação dos direitos do trabalho, com a precarização, com a fragmentação, com a constante intensificação do ritmo de trabalho e com seus organismos sindicais cooptados. Sua produção intelectual e seu trabalho tem sido expostos como mais um tipo de mercadoria, só que esta ainda deve contar com o “selo de qualidade” e com a colocação no ranking de produtividade ditado pelas regras e avaliações do Estado e dos organismos federais de fomento a pesquisa.

Dias (2001, p.07) ao pesquisar sobre o trabalho docente e a questão da autonomia inferiu que *existem vários limites e formas de controle que dificultam uma prática pedagógica mais autônoma desses docentes*. Entre os obstáculos podemos salientar a questão do tempo (sobrecarga de atividades), a falta de momentos de reunião dos professores a fim de refletir sobre sua prática, a imposição de materiais didáticos, a cobrança em atender as necessidades do mercado de trabalho e os processos de avaliação. Ainda no texto de Dias, há uma alerta indispensável *...o trabalho do professor é extremamente complexo e envolve uma diversidade de saberes que impede o controle total sobre o seu trabalho por parte das instituições escolares* (p.07).

Obviamente, reconhecemos que o cotidiano não é um espaço controlado de

---

<sup>1</sup> Seguindo a terminologia de Ricardo Antunes, o professor faz parte da classe-que-vive-do-trabalho. Afinal está incluído todos aqueles que vendem sua força de trabalho. Esta classe “não se restringe (...) ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado. O autor considera que “todo trabalhador produtivo é assalariado e nem todo trabalhador assalariado é produtivo, uma noção contemporânea de classe trabalhadora (...) deve incorporar a totalidade dos trabalhadores assalariados” (Antunes, 2006, p. 102).

repetição pura e simples. Os professores desenvolvem maneiras de resistir e lutar contra as opressões que vem sofrendo e de realizar com ética e qualidade a formação de seus alunos, apesar da precarização que se impõe a seu trabalho: o aumento dos contratos temporários nas redes públicas de ensino e da instabilidade do emprego no setor privado, o arrocho salarial, o não cumprimento de um piso salarial nacional, a inadequação ou mesmo ausência de planos de cargos e salários, a perda de garantias trabalhistas e previdenciárias e etc.

Contudo, não podemos nos eximir de perceber que há contradições e oscilações no discurso e na prática pedagógica do professor. Combatem com afinco e determinação, ao mesmo tempo em que, cansados apenas deixam as coisas acontecerem ... inertes. Por diversas vezes, compartilham das ideologias dominantes e as fortalecem através de suas práticas pedagógicas, conscientes ou não dessa contribuição para manter o *status quo*. Perceber as incoerências e limitações pode auxiliar no processo de transformação e emancipação dos sujeitos e da educação. Bauman nos alerta: (2008, p.18) que *...na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria*. Não estamos propondo um juízo de valor sobre os profissionais de educação, mas demonstrando que a lógica capitalista atingiu tão profundamente a vida em sociedade que a nossa própria subjetividade foi alterada por ela e que temos criado mecanismos de defesa para sobreviver as ações de trabalho.

Nós, professores, não podemos sucumbir nem ao *medo da incompetência*, de não sermos tão bons quanto as avaliações das agências de fomento e do próprio Estado nos fazem acreditar que seria o mínimo; nem a *pressão por trabalhar mal*, uma vez que devido as cobranças, as más condições de trabalho e a remuneração alguns colegas de trabalho e o próprio ambiente social nos impelem a pagar a exploração com o mal trabalho, o que no fundo só prejudicará ainda mais a classe trabalhadora (DEJOURS,1999). Pesquisar e compreender algumas das múltiplas relações entre discurso e prática do professor, com o intuito de salientar a complexidade que a análise do cotidiano das instituições de ensino superior nos apresenta é indispensável na melhoria da educação. Seguramente, as contradições farão parte deste processo de investigação e de qualquer construção de alternativa real ao instituído.

Nas palavras de Gramsci:

A compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da

ética, depois no da política, atingindo finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (consciência política) é a primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, onde teoria e prática finalmente se unificam (GRAMSCI, 2006, p. 103).

Precisamos perceber que somos sujeitos situados historicamente e delimitados pelas experiências de nosso grupo, ou seja, formados por uma sociedade capitalista subdesenvolvida, cheios de incoerências, de valores pequeno-burgueses e de preconceitos, mas ao mesmo tempo, sujeitos únicos e em movimento, capazes de criar diversas estratégias e táticas que consigam alterar o quadro atual de hegemonia capitalista, recheados de motivações pessoais, de conflitos e de possibilidades de autonomia e de liberdade.

De acordo com Heller (2004, p.20) *A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico (...) é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico.* No que tange ao particular, destaca-se a unicidade e a irrepetibilidade de cada indivíduo, a maneira que interpreta, assimila, age e contraria a partir de sua subjetividade e necessidades do Eu. Na perspectiva do genérico, a autora nos alerta que:

... está “contido” em todo homem e, mais precisamente, em toda atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares. Assim, por exemplo, o trabalho tem frequentemente motivações particulares, mas a atividade do trabalho – quando se trata de trabalho efetivo (isto é, socialmente necessário) – é sempre atividade do gênero humano (p. 21).

É indispensável acreditar nas potencialidades do *particular* e atuar no *genérico* para construir alternativas viáveis aos problemas estruturais que a sociedade vivencia. O trabalho docente pode contribuir decisivamente para que cada aluno e o próprio professor possam ir além de suas necessidades individuais e do senso comum, promover a reflexão e o questionamento do mundo em que vivemos, e, auxiliar na elaboração de novas e conscientes perguntas e respostas.

A educação pública é um espaço privilegiado para essa ação docente e uma das possibilidades concretas de obter-se consciência de classe. A proposta de Gramsci é a de uma **escola comum** (isto é, com oportunidade de acesso e permanência de todos), **única** (que forme com igual qualidade todas as classes sociais) e **desinteressada** (não deve ter finalidades imediatamente práticas, deve ser uma formação humanista geral).

A concepção da *escola unitária* pauta-se na busca pela maturidade intelectual construída a partir da emancipação humana, esta escola assumiria a função de *inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e*

*capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa.* (GRAMSCI, 2006, vol II, p. 36).

Diante disso, podemos afirmar que o maior desafio embutido nessa escola socialista unitária é a formulação de um processo de ensino-aprendizagem que desenvolva a responsabilidade e a autonomia dos indivíduos através de métodos criativos de investigação e de conhecimento da realidade. Além disso, vale destacar que:

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, irá se refletir em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo (GRAMSCI, 2006, vol II, p. 40).

Na escola unitária ocorreria um processo educativo diferente daquele observado nas escolas tradicionais, pois esta buscaria eliminar a segregação entre trabalho intelectual e trabalho manual através de um currículo que não hierarquizasse as matérias escolares "clássicas" e os conteúdos de formação para trabalho, assim como, trabalharia a dimensão política da sociedade de forma a garantir uma mesma cultura a todos, independentemente de sua origem social.

Articular o ensino técnico-científico ao saber humanista é o principal embate a ser travado pela classe proletária na construção de sua autonomia e da elaboração de uma cultura<sup>2</sup> antagônica a da burguesia. A apropriação destes conhecimentos articulados traria consigo a possibilidade de produzir seus próprios intelectuais e de romper com a relação de submissão aos intelectuais da classe dominante e a lógica do capital.

É importante lembrar que Gramsci divide os intelectuais em dois tipos: o intelectual tradicional ou *inorgânico*, que não têm ideologia de classe, e há o intelectual *orgânico*, responsável pela transformação do senso comum e conectado a um projeto global de sociedade elaborado a partir de uma consciência de classe.

Semeraro a respeito dos intelectuais inorgânicos esclarece que para Gramsci:

os intelectuais tradicionais ficavam empalhados dentro de um mundo antiquado, permaneciam fechados em abstratos exercícios cerebrais, eruditos e enciclopédicos até, mas alheios às questões centrais da própria história. Fora do próprio tempo, os intelectuais tradicionais consideravam-se independentes, acima das classes e das vicissitudes do mundo, cultivavam uma aura de superioridade com seu saber *livresco*. A sua "neutralidade" e o

---

<sup>2</sup> A cultura é uma possibilidade de se reivindicar, exigir e estabelecer um diálogo político, multicultural e global, na busca de alternativas aos complexos problemas contemporâneos, com base num conhecimento mínimo possível das diferenças entre todas as partes envolvidas (REIGOTA, 1999, p. 45).

seu distanciamento, na verdade, os tornavam incapazes de compreender o conjunto do sistema da produção e das lutas hegemônicas, onde fervia o jogo decisivo do poder econômico e político. Com isso, acabavam sendo excluídos não apenas dos avanços da ciência, mas também das transformações em curso na própria vida real (SEMERARO, 2006, p.377).

Gramsci é um pensador marxista, portanto, pauta sua análise no princípio que a revolução cultural irá acontecer a partir de elementos concretos da realidade. Para ele, o controle da sociedade pela classe trabalhadora depende de pelo menos dois alicerces: o intelectual orgânico e a escola unitária. Neste contexto, professores-trabalhadores da educação básica e da universidade precisam reconfigurar suas relações com seus próprios companheiros, com sua metodologia de trabalho e com os objetivos da classe proletária. A contribuição destes profissionais na transformação social é indispensável e urgente.

O compromisso político com a emancipação da classe trabalhadora precisa ir além do discurso para que propostas concretas sejam oferecidas no caminho para a superação do modelo de sociedade capitalista. Devemos nos capacitar continuamente e assumir o compromisso de exercer a função de *intelectual orgânico* e de construir a *escola unitária*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 8ª ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2006.
- DIAS, Regina Lucia Cerqueira. O trabalho docente e a questão da autonomia: um estudo a partir das percepções de professores sobre seus ciclos de vida profissional. Dissertação de mestrado defendida pela PUC-MG, 2001.
- GENTILI, Pablo. (org.) **Globalização excludente**: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. Introdução ao estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. 4ªed. Volume 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. 4ªed. Volume 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- HELLER, Agnes, **O cotidiano e a história**. 7ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MANCIBO, Deise. FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque (orgs.). **Universidade**: Políticas, avaliação e trabalho docente. São Paulo: Cortez, 2004.
- REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- SADER, Emir. **América latina ¿el eslabón más débil?** Disponível em: <http://www.rebellion.org/docs/78055.pdf>
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 11ªed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SEMERARO, Giovanni. Intelectuais "orgânicos" em tempos de pós-modernidade. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 26, n. 70. Disp: [www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n70/a06v2670.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n70/a06v2670.pdf)